



A EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO DIÁDICA POR MEIO DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

Linha 8 – A relação entre pais e filhos.

Resumo: O presente artigo busca apresentar o estudo de um caso clínico em psicoterapia, com resultados práticos exitosos, fundamentado na teoria ontopsicológica. A metodologia da pesquisa delineou-se por uma perspectiva qualitativa e revisão bibliográfica acerca da teoria. O processo psicoterapêutico ocorreu no ano de 2012, o caso era de uma mãe com queixa de depressão e enxaqueca, que tinha um filho esquizofrênico, cuja relação mãe e filho resultava numa díade tanática-regressiva. A conscientização e as mudanças realizadas pela mãe resultaram numa evolução para si mesma e no desaparecimento da psicopatologia do filho, o que foi constatado pelas modificações de suas atitudes perante a vida. O relato deste caso revela o processo realizado, bem como trás a luz as contribuições da ciência ontopsicológica: campo semântico, Em Si ôntico e o monitor de deflexão. Reportamo-nos teoricamente a diversas obras de Meneghetti, para inferir sobre esta pesquisa que os resultados apresentados se refundam na prática da ontopsicologia clínica e da pedagogia ontopsicológica, trazendo autonomia aos sujeitos que colocam a teoria em ação. Apontamos com as considerações finais a importância da psicoterapia e da pedagogia como serviço funcional ao indivíduo que deseja mais da vida. Com a aplicação destas, junto às novidades da ciência ontopsicológica, ficou demonstrado o ganho existencial e a autorrealização dos indivíduos.

Palavras-chave: Pedagogia; Campo Semântico; Ontopsicologia; Díade; Relação mãe e filho.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresentará um caso clínico, com resultados pedagógicos práticos fundamentados na teoria ontopsicológica. Partindo-se da descrição do *case*, buscar-se-á a sustentação teórica que justificará e demonstrará o sucesso da intervenção pedagógica em *setting* terapêutico.

O dia a dia da prática clínica psicológica é sempre desafiador, com diferentes histórias e pessoas, tantas especificidades e intimidades compartilhadas, tudo para ir a fundo à causa, visando à solução dos problemas verificados. Entretanto, este caso se destacou pelo processo e pelo resultado, pautados na ciência Ontopsicológica, estabelecendo uma nova comunicação entre gerações, com resolução de conflitos internos e da vida prática, tanto entre as partes, quanto entre estas e a vida em sociedade.

As relações de convívio entre as gerações são um dos focos primordiais para que se alcance soluções sociais, nas quais a dimensão de humanidade prevaleça, para além da teoria sobre os modos de educar. Nesse viés, insere-se, com grande peso e importância, a comunicação entre as gerações parentais (pais e filhos) e a autonomia responsável do indivíduo educador.

Como objetivo geral visou-se demonstrar a ação do campo semântico e como objetivos específicos voltaram-se para: (I) apresentar um caso clínico com contribuições na relação diádica mãe e filho, (II) ilustrar como ocorre a pedagogia através do *setting* terapêutico e (III) discorrer sobre a importância da autorrealização do adulto-mãe no processo educacional.

O desafio profissional era atender uma mãe com um filho, que apresentava graves problemas e como faria para também ajudá-lo, pois a sintomatologia daquele filho encobria a frustração no modo de condução da própria vida da mulher. Sabendo-se da existência e de como age o campo semântico, “comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGETTI, 2012, p. 38), principalmente, na relação mãe e filho, era previsto que ao trabalhar os aspectos pessoais e íntimos desta mulher, conseqüentemente o filho seria reeducado e mudaria naturalmente. Os sintomas deste desapareceriam se a mãe tivesse uma intenção verdadeira de mudar a si mesma, em primeiro lugar.

O instrumento que fundamentou o processo psicoterápico foi a metodologia ontopsicológica com as três descobertas: campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão, utilizadas em campo clínico. Esse estudo se pautou na metodologia de cunho qualitativo e revisão bibliográfica acerca da temática.

O caso aconteceu em 2012, com uma mãe de cinquenta e quatro anos que chegou ao consultório com queixa de depressão. Tratava-se de uma dona de casa, casada, com três filhos: duas mulheres e um rapaz. Duas vezes na semana fazia trabalho voluntário na livraria de uma casa espírita perto de sua residência. A relação com o marido era distante, pois além dos sintomas de depressão, sentia fortes dores de enxaqueca.

O rapaz de vinte e cinco anos é o filho do meio e trazia muito transtorno para a família, pois apresentava diagnóstico de esquizofrenia, não realizava tratamento psiquiátrico e se recusava a tomar medicações. A família decidiu mantê-lo em casa, pois quando saía, desaparecia, agredia pessoas e quase sempre era a polícia que o resgatava.

De acordo com Freud, “(...) os genitores têm a parte mais importante na vida mental de todas as crianças que se tornarão psiconeuróticas.” (MENEGETTI, 2019, p. 105). A relação pais e filhos é a primeira díade¹ do ser humano, e nela se estabelece todo o mover-se psíquico ao longo da vida de uma individuação.

É a primeira relação entre gerações, a qual refletirá na vida social e compreender a comunicação semântica que se dá nessa relação, possibilitará a evolução da relação diádica por meio da pedagogia ontopsicológica.

A existência do sujeito tem o investimento de dinâmicas, interações, campos semânticos, por isso, não há possibilidade de evadir-se da responsabilidade de existir, é uma determinação ao indivíduo que se localiza em um ambiente, não há escolha.

DESENVOLVIMENTO

¹ Díade: “movimento a dois, no qual um movente não pode agir sem o coincidente hetero movente” (MENEGETTI, 2012, p. 73).

Casuística

O processo psicoterápico inicia com uma mulher com queixa de depressão e enxaqueca. No início, o verbalizado discorria da não satisfação de sua vida e dos resultados que ela vivenciou até o momento. Mantinha uma relação distante com o marido, uma filha casada, um filho com diagnóstico de esquizofrenia e uma filha caçula mais independente. Sua única satisfação era sair duas vezes na semana para fazer trabalho voluntário, numa biblioteca espírita nos arredores de sua residência.

A doença do filho era algo que para ela já não havia solução e estava conformada a conviver com a doença dele. Ao ser sugerido que ele iniciasse um tratamento psicoterápico, a resposta foi negativa. Nunca houve interesse de comparecer ao consultório para a primeira consulta. Este também se negava a fazer tratamento médico e a tomar medicações.

O contexto de vida do filho, um jovem rapaz de vinte e cinco anos, encontrava-se diariamente em seu próprio quarto e não gostava que ninguém entrasse, nem mesmo para limpar. Só saía desse, quando não havia ninguém em casa, não mantinha comunicação com ninguém da família e nem tampouco com pessoas de fora. Utilizava o computador a maior parte do tempo, a família não se opunha em nada, porque desta forma o mantinha estável. Gostava de beber cerveja e a família dava quatro latinhas por dia, o rapaz urinava nas próprias latinhas, para não sair do quarto, nem mesmo para ir ao banheiro, e não mantinha sua higiene pessoal diária. O pouco contato que estabelecia era com a sua mãe.

Foi através da psicoterapia da mãe, que se iniciou a investigação da causa da patologia deste filho. O processo de conscientização de si mesma e do que construiu até aquele momento, da sua relação com o marido e com seus filhos e, principalmente, com o rapaz, o qual foi “escolhido” (de forma inconsciente) para ser seu *partner* secreto como compensação de uma vida não realizada e, conseqüentemente, frustrada, foi sendo evidenciada. Com o passar das sessões, ela foi construindo uma estrada para si no aqui, agora e assim da sua própria existência.

No decorrer da psicoterapia foi orientado que a mãe colocaria algumas condições, limites e responsabilidades para o filho. Assim, para ter as suas cervejas diárias, faria sua higiene pessoal e limparia o próprio quarto. Gradativamente, passaria a preparar as suas refeições e realizá-las na sala de jantar.

Enquanto isso, a relação com o marido começou a ter maior proximidade, as enxaquecas foram diminuindo e foi se permitindo a fazer pequenas viagens em casal. Além disso, ela não havia terminado os estudos do ginásio e retomou para concluir o segundo grau, em poucos meses de psicoterapia.

Na sequência, a família iniciou uma reforma para ampliar a casa em que residiam, enquanto o filho já transitava pelo ambiente, mantinha uma higiene pessoal como responsabilidade própria e seus afazeres domésticos, como cuidar das refeições da família, lavar a louça e a própria roupa, mudando assim a sua rotina, pelo que recebia uma remuneração em troca (usava para

comprar as suas cervejas).

O rapaz passou a auxiliar o pedreiro na reforma da própria casa, para que tivesse uma ocupação diária sob a supervisão de um outro que não fosse membro da família. Foi orientado que ele aprendesse algo sobre a responsabilidade do fazer, do trabalho remunerado e a aceitar ordens de comando.

Em uma determinada sessão a mãe chega dizendo que ele não queria mais trabalhar, reclamava estar cansado, achava que estava recebendo pouco e não iria continuar. A psicoterapeuta desconfiou da mudança repentina do rapaz e para entender o que havia acontecido perguntou à mãe o que ela achava sobre isso. A resposta dela foi que ele estava sendo explorado: trabalhava muito e recebia pouco. Esta foi a situação casual que fez a mãe ter consciência do quanto a sua intencionalidade, o seu inconsciente estava diretamente ligado ao inconsciente do filho e, conseqüentemente, influenciava as atitudes dele.

Ao compreender esta situação diádica tanático-regressiva², a mãe toma a decisão de não interferir mais nas mudanças que o filho começou a tomar. O trabalho da reforma da casa foi concluído com a sua ajuda, a parte da pintura ficou por responsabilidade dele. Após esta experiência o rapaz começou a ter vontade de maiores mudanças e foi procurar seu primeiro emprego. Ele conquistou um emprego na produção de uma fábrica de ração animal, podendo realizar a si mesmo por meio do trabalho.

O processo de psicoterapia foi concluído neste ponto, no qual a psicoterapeuta compreendeu que esta mulher encontrou um caminho possível para a realização de si mesma. Os resultados continuaram a surgir e algum tempo depois soube pela cliente, que cursou a faculdade de Serviço Social e atuava na área de formação, bem como relatou que na relação de casal passaram a viver um relacionamento saudável.

Contribuições da Pedagogia Ontopsicológica

A Pedagogia pode acontecer das mais variadas formas e em diferentes contextos para além da escola, como em uma empresa e também dentro do consultório de psicologia. A pedagogia tradicional é a reflexão sobre as práticas de transmissão de conhecimentos adquiridos, de hábitos aos modelos comportamentais e linguagens, as quais agem sobre o contexto social.

“A Pedagogia é (...) o momento teórico que descreve uma precisa concepção da vida que o indivíduo pensador ou o inteiro contexto social consideram que deva ser ensinada, compreendidos os instrumentos para fazê-lo” (CAROTENUTO, 2013, p. 23) . A psicoterapia individual também é um momento pedagógico, pois acessa recônditos de hábitos, modelos comportamentais e outros fenômenos, os quais foram aprendidos de forma latente ou inconsciente e os corrige, ou seja, reeduca de modo prático para melhorar o homem e a sociedade.

Conforme o autor Antonio Meneghetti:

² Diáde Tanático-regressiva: é a relação patológica mãe-filho, na qual o núcleo materno é fagocitante, hegemônico e redutivo para o filho, por isso, a osmose diádica é tanática para ambos (MENEGETTI, 2012, p. 77).

Uma cura da alma em psicoterapia exige uma compreensão psicológica (os processos lógicos da mente) e uma compreensão ôntica (os processos lógicos da mente tem um fulcro motivante e estruturante que os determina história metafísica, isto é, uma fenomenologia do ser, daquele ser que é uno). A psicoterapia ocasiona-se como arte clínica, mas é terapia do ser no homem, ou melhor, Ontopsicologia, portanto, se dirige ao núcleo do homem como pessoa. (MENEGETTI, 2015-A, p. 88).

A abordagem pedagógica deste trabalho teve como ótica a psicoterapia individual e foi pautada na ciência ontopsicológica. Na pedagogia ontopsicológica “o escopo prático é educar o sujeito a fazer e a saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar o Eu lógico-histórico com capacidade e condutas vencedoras” (MENEGETTI, 2019, p.14), que visa desenvolver o sujeito para ser capaz de realizar seu potencial, a própria existência de forma saudável, funcional e criativa.

Em *setting* terapêutico o “olhar” do profissional é no Eu lógico-histórico do cliente, “a parte lógica e consciente de todas as operações voluntárias, responsáveis, reflexivas, inteligentes, racionais [...]” (MENEGETTI, 2012, p.108), que toma as decisões e tem o livre arbítrio de conduzir sua história como achar mais conveniente. O objetivo da psicoterapia é conduzi-lo à reversibilidade do seu verdadeiro Eu, seu projeto de vida, sua nascente, sua natureza original, seu Em Si ôntico³. O fazer pedagogia ontopsicológica amplifica essa pulsão e consente o desenvolvimento do Eu lógico-histórico do cliente.

Os ideais familísticos e da sociedade nem sempre fazem parte do projeto de natureza do sujeito e autoconstruir-se é uma tarefa individual e diária, mas que por fatores da doxa societária e do reforço do monitor de deflexão⁴ acaba não ocorrendo, para tanto, se faz indispensável à psicoterapia de autenticação, como forma de pedagogia.

Nesse viés, fazer pedagogia, é uma relação de um indivíduo com o outro dentro de um contexto, “o homem encontra-se continuamente no interior de um processo diádico, entendido como uma interação entre si e objetos mundanos ou entre dois ou mais indivíduos que produzem uma relação dinâmica em um contexto único atuado por campo semântico.” (MENEGETTI, 2010, p. 234).

O campo semântico é uma comunicação inconsciente, “é a informação-base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes de toda consciência, em antecipação a qualquer símbolo.” (MENEGETTI, 2012, p.39). Isto quer dizer que a individuação, desde o momento que é formada, já está em interação. Como indivíduos, somos também resultados do meio no qual existimos, somos informados, mas também informamos constantemente, isso é inerente.

Nos estudos de Weil e Tompakow (1988), acerca da teoria de Freud sobre Eu e o Id, apresenta-se:

³ O Em Si ôntico é uma das três descobertas da Ontopsicologia, é “projeto-base da natureza que constitui o ser humano” e “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (MENEGETTI, 2012, p. 84).

⁴ Monitor de Deflexão “é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular, antecipando e defletindo a percepção egoceptiva com base em uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância. Sucessivamente, o monitor renova continuamente essas imagens, por meio dos sonhos, dos estereótipos, das instituições, da cultura selecionada.” (MENEGETTI, 2012, p. 176).

Freud, em “Eu e o Id”, disse que nossa pele era o limite entre o Ego e o mundo exterior. É melhor conceber esta nossa periferia física como apenas um limite descritível do universo, ou melhor, entre o universo do lado de fora e do lado de dentro de nós. Nosso Eu inclui o Exterior. (WEIL & TOMPAKOW, 1988, p. 221)

Lévi-Strauss, reinterpretando Freud, afirmou: “É necessário alcançar a estrutura inconsciente que está na base de toda instituição (...) para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições.” (MENEGETTI, 2015-B, p.33). Para tanto, é preciso evidenciar o critério de realidade, que existe na base da estrutura do humano: seu Em Si ôntico, para que seja possível conscientizar todo universo informacional: o campo semântico.

Cabendo ressaltar, conforme a ciência Ontopsicológica, o homem nasce exato, inteiro, ou seja, ainda não existe a cisão da psique, o inconsciente, a separação ocorre depois, quando o sujeito nega a si mesmo e a pulsão dos seus instintos vitais, em prol da necessidade de pertencer à família, à sociedade, o que na primeira infância é uma questão de sobrevivência. “Não existe uma esquizofrenia por hereditariedade, mas toda doença é aprendida psicoorganicamente do interior do ambiente exclusivo que o menino, a menina, o doente frequentam desde o nascimento” (MENEGETTI, 2020, p. 41-43).

Na casuística, quando descrito que a mãe teve consciência do quanto a sua intencionalidade, o seu inconsciente estava diretamente ligado ao inconsciente do filho e, conseqüentemente, influenciava as atitudes dele, é explicitado:

A retransmissão entre inconscientes humanos se fenomeniza na atividade comportamental da motivação biológica. [...]. A necessidade da mãe vai informar os centros emocionais do organismo do filho; apesar da não necessidade deste, determina-se igualmente a excitação segundo a motivação da mãe. (MENEGETTI, 2005, pp. 344-345).

Dessa forma, somos efeitos da nossa primeira relação diádica, nosso adulto-mãe (que pode ser a mãe biológica, uma tia, o pai, um avô, uma avó, uma babá, etc.), um adulto que a criança terá como referência afetiva dentro de si, durante toda a vida, e prevalecerá em todas as outras possibilidades de comportamento, como na vida para o trabalho, os negócios, política. Passando também a escolher o tipo de homem ou mulher definido pela díade, pois esta define uma seleção temática e o sujeito escolhe coisas, pessoas e situações conforme esta seleção.

Dessarte que “toda a vida é díade, é o movimento, o proceder da vida. Cada realidade é tal e existe enquanto estabelecida por uma relação. A díade é algo de ineliminável na realidade do ser humano.” (MENEGETTI, 2010, p.234). Este conceito exemplifica-se na relação do adulto-mãe e o Eu do filho, é uma ação sempre unívoca. É diferente “a realidade de um homem maduro e a realidade diádica no homem doente.” (MENEGETTI, 2005, p.186). Ao nascer o filho se adapta ao ambiente familiar e à semântica prioritária do adulto-mãe.

Acerca da relação entre a mãe e o filho, cabe a transcrição de um trecho do Professor Alécio Vidor, no livro “Relação entre pais e filhos: a origem dos problemas”:

A figura materna tem função de servir de ponte para relacionar o filho com o mundo

externo, mas tem a missão de levar o educando a atingir sua plena autonomia. Os pais estão em função dos filhos e não devem, como infelizmente acontece, educá-los em função própria. Isso facilmente acontece, consciente ou inconsciente, quando um dos pais sente-se afetiva e sexualmente frustrado. Não esqueçamos que o sexo é um dos componentes da afetividade. A mãe, quando frustrada, recorre a todos os estratagemas para criar o filho em sua dependência, porque desta maneira ela protege a própria insegurança, compensando-se da frustração sofrida. A mãe, sentindo-se frustrada, inunda de afeto o filho, até de um modo consciente, para aprisioná-lo sempre mais a si, criando-o como um parceiro secreto ou aliado seu; o filho, por sua vez, fixa-se em um comportamento infantil de dependência. Ele, crescendo em dependência, habitua-se a ser servido, tornando-se um pretensioso que só consegue sobreviver enquanto empenha outros a seu serviço. (VIDOR, 2014, p. 20/21).

Ademais, cabe destacar que não importa por parte de quem se faz o corte da semântica negativa, mas o corte não pode advir do externo, deve partir da decisão de um dos dois, para começar a reestabelecer a pessoa e o desaparecimento dos sintomas, pois o Em Si ôntico já está pronto para agir, basta que exista a permissão de um Eu lógico histórico disposto a iniciar sua própria estrada.

O rompimento da díade com o adulto-mãe é uma ação de desenvolvimento pessoal e de obtenção de autonomia, “a força desta - reunificada no uno - consente a interação no uno da vida.” (MENEGETTI, 2005, p.186). Se o sujeito não realiza esta ruptura evolutiva, sempre percebe o real de modo cindido, assim, é incapaz do movimento ao uno. Ao contrário disso, quando realiza a unidade de ação, nasce a possibilidade de um Eu, uno em si mesmo, passando a colher o real em si, em dinâmica holística.

RESULTADOS

Inicialmente, destaca-se que o primeiro resultado da cliente foi o desaparecimento do sintoma. “O sintoma é a reprovação ou a promoção de todo psicoterapeuta” (MENEGETTI, 2010, p. 288). Se o sintoma persiste ou se desloca, demonstra que o erro ainda está presente no sujeito. Quando se diz “erro”, se entende um Eu lógico-histórico que não aprendeu a viver conforme seu critério de natureza, seu Em Si ôntico.

No presente caso, as queixas de enxaqueca e a depressão que a acompanhava por anos, desapareceram e, a partir disso, a cliente iniciou novos objetivos pessoais e profissionais que antes não existiam. Sua vida estava sedimentada em cuidar de um filho doente e, por consequência, não podia querer mais, a não ser fazer trabalhos que não houvesse uma responsabilidade social.

No processo de autoconhecimento e o desaparecimento dos sintomas, tomou consciência que a doença do filho era seu álibi social e também o cárcere que ela mesma construiu. Com a disponibilidade em atuar mudanças na sua vida, à flexibilização de um Eu rígido e categórico, efeitos do monitor de deflexão, e os resultados positivos em si mesma, reimpostou também o Eu do filho dependente (*colônia-partner*), através do campo semântico.

Toda “pesquisa ontopsicológica centrou o critério que dá ou não a coincidência com a ação da vida” (MENEGETTI, 2010, p. 289). Critério é o parâmetro, a referência, a norma, para

estabelecer algo. O Em Si do homem, é o critério de natureza que possibilita a auto realização deste com saúde, alegria, criatividade e prazer na sua existência.

A restituição da norma de saúde desta senhora, possibilitou a ela mais eficiência na condução do seu núcleo familiar, nas suas escolhas pessoais e também profissionais.

Os resultados pedagógicos da psicoterapia foram a retomada de si mesma como pessoa única no mundo; os efeitos positivos na saúde, na relação familiar e a construção profissional; e, por fim, a restituição da saúde mental do filho esquizofrênico com o desaparecimento dos sintomas e a retomada da vida social.

Como perspectiva da aplicabilidade da metodologia ontopsicológica, a premissa é um profissional autêntico, ou seja, essa pessoa em “primeiro lugar” deve mudar a si mesma, em constante revisão crítica de consciência, conforme seu critério de natureza, e, além disso, realize um sério estudo da ciência ontopsicológica.

O êxito desse caso clínico despertou no profissional uma necessidade de direcionar o trabalho da psicoterapia clínica para pessoas que tenham como escopo a construção do autoconhecimento e o seu desenvolvimento pessoal, para que o ser humano se torne função de vida num raio de ação maior, tornando-se cidadão no mundo.

Logo, futuros estudos podem ser realizados, tanto visando relatar casos clínicos de sucesso com as contribuições da Ontopsicologia, como apresentar a mudança da atuação do psicólogo que atua com a prática clínica ontopsicológica, ou seja, quais mudanças percebeu nele e em seus clientes que escolhem atuar a mudança de si na construção do ser pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou contribuições com o conhecimento ontopsicológico no âmbito da psicoterapia e da pedagogia, na aplicação das descobertas da ciência Ontopsicológica, o campo semântico, Em Si ôntico, o monitor de deflexão, evidenciando na relação mãe e filho: a díade, a responsabilização de “ser pessoa” e a autoconstrução de si mesmo, como soluções para uma relação não funcional, ou seja, patológica.

Os desafios de atuação profissional foram ampliados, pois as expectativas eram menores do que os resultados alcançados, uma vez que é fundamental para o êxito psicoterápico a decisão interna do cliente, bem como, a autenticação constante do psicoterapeuta.

Todo o processo descrito foi possível pela utilização do conhecimento do campo semântico no setting terapêutico e na relação diádica mãe e filho, mostrando que somos partes existentes em interação no interior de um contínuo dinâmico (MENEGETTI, 2015-B). A decisão e a mudança da mãe alterou sua própria realidade, informando, por meio do campo semântico, uma nova realidade ao filho.

Evidencia-se a importância da autorrealização do adulto-mãe no processo psicoterápico, o qual trouxe à tona, ela enquanto indivíduo passou além de realizar os cuidados com a casa, marido e filhos, que são ações secundárias, a ver e olhar primeiro a si mesma, a ter autocuidado,

se dedicar ao estudo e ao trabalho como ganhos existenciais.

Assim a pedagogia ontopsicológica acontece como “ciência de serviço funcional ao indivíduo, podendo despertar a consciência ôntica” (MENEGHETTI, 2014, p. 239). Bem como, formar cidadãos autônomos, responsáveis e líderes de si mesmos em primeiro lugar.

REFERÊNCIAS

CAROTENUTO, M. **A Paideia ôntica: dos sumérios a Meneghetti**. 2 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

_____. **Campo Semântico**. 4 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015-B.

_____. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

_____. **O Em Si do Homem**. 5 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015-A.

_____. **Pedagogia Ontopsicológica**. 4 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

_____. **Manual de Ontopsicologia**. 4 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

_____. **Ontopsicologia Clínica**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

_____. **Antonio Meneghetti sobre... O poder de ser pessoa**. Edição bilíngue italiano-português. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020.

VIDOR, A. **Relação entre Pais e Filhos**. 2 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

WEIL, P; TOMPAKOW, R. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.